



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

23, 24 e 25 de dezembro de 2017

Diário Catarinense e A Notícia
Vanessa Tobias
"Verão 2018 – Yey!"

Verão 2018 – Yey! / Medicina / UFSC / Vestibular

VERÃO 2018 – YEY!

Tinha 15 anos quando vivi o verão da minha vida. Joaquina ficava lotada nos campeonatos de surfe, ônibus também, eu tinha um shortinho de estampa de frutas, e só usava ele, melhores amigas estavam sempre reunidas, e, além das festas do Café Cancun, tinha o iogurte com melado da Praia Mole e a bolacha de aveia e mel, que salvava a fome no trânsito de volta da praia. Aquele verão deixou em mim, além da lembrança do cheiro de bronzeador

Cenoura e Bronze fator 2, a marquinha do primeiro biquíni de lacinho – vermelho – e do olhar do primeiro menino que gostei – que olhou, não pra mim, mas tudo bem.

Tive um inverno de praticamente 20 anos desde então. Em janeiro daquele ano meu irmão mais velho se formou em Medicina pela UFSC, fui atleta destaque do vôlei, vice miss biquíni Reef Brazil, minhas amizades estavam 100% e a vida tinha encontrado um ajuste com a natureza e Deus – então 1998 tinha tudo para ser o ano. Nada de tão dramático aconteceu, mas a soma de pequenas coisas trouxeram para minha vida uma tensão. Ora era decidir sobre qual curso fazer no vestibular, ora era ter que parar de treinar handebol e vôlei para estudar, depois era ter engordado 12 quilos em um ano – e perder a noção de controle, autoestima e beleza – e apelar para remédio e o que fosse para me livrar de tudo aquilo, depois o fim do ensino médio e o desfazer de uma rotina com os amigos de uma vida. Minha sensação era de injustiça e tristeza.

Nessa mesma época no ano pas-

sado me encorajei a voltar a ter uma rotina semelhante – no que fosse possível – ao que tinha aos 15 anos. Retomei as atividades físicas, sempre ameí fazer exercício, me reaproximei das amigas e investi em novas amizades. Marquei 10 dias de visita de três dessas amigas para o ano novo, e dei vida a uma playlist – que recebeu o nome de Verão 2018 – Yey! – o que já nos fez rir novamente. Fiz questão de passar tempo com meus pais e meus sobrinhos, de dar um carinho

maior para nosso time de trabalho e decidi enfrentar o final de um noivado. Era o final do inverno, quando senti muito frio e medo na escuridão que encontrei no quanto havia me distanciado de mim. Estou aqui, ao meu lado, de novo.

Sei que a gente se confunde procurando fora ou na sofisticação os momentos que marcam os nossos verões. Mas estamos mesmo

confusos. Tudo o que precisamos é de um tempo em nós, de um tempo com os nossos. Nesse verão, me dei férias da tensão, vou me sentar com as amigas, na saída do Aragua na Praia Mole, vou passar Cenoura e Bronze fator 2, e ficar só com os meus dentes brancos. Vou chegar cedo e sair tarde, em uma das mãos, suco de melancia e limão, na outra uma caipirinha de abacaxi. No almoço, açaí ou um camarãozinho à milanesa. Na areia, meus sobrinhos, meus pais, minhas amigas, um som Yey! ao fundo e quem sabe o olhar do menino que eu gosto, dessa vez para mim.

No site coaching.vanessatobias.com.br/verao tem uma ferramenta para ajudar a pensar no verão.

**NESTE VERÃO,
ME DEI FÉRIAS
DA TENSÃO,
E VOU ME
SENTAR COM
AS AMIGAS NA
PRAIA MOLE,
CHEGAR CEDO
E SAIR TARDE**

**Diário Catarinense e A Notícia
Versar e Capa**

“Vale a pena incentivar a magia do natal”

Vale a pena incentivar a magia do natal / Papai Noel / Imaginação / Marina Menezes / Professora / Universidade Federal de Santa Catarina / Tradição



VALE A PENA INCENTIVAR A MAGIA DO NATAL

ATÉ OS SETE ANOS DE IDADE, O ENTENDIMENTO DO MUNDO SE DÁ POR MEIO DA IMAGINAÇÃO

SÂMIA FRANTZ | especial

N o imaginário de Ana Clara da Cunha Rodrigues, três anos, o Papai Noel é um cara muito legal. Para esperar sua chegada, ela ajuda a mãe a decorar a casa, pede para visitá-lo no shopping e se esforça para não perder nenhuma estrela no quadro do comportamento. Além disso, também faz questão de ajudá-lo no trabalho de distribuir presentes e, por isso, separa com cuidado os brinquedos mais antigos para doar às crianças carentes que não têm condições de enviar cartinhas a ele.

Os pais da menina, a personal trainer Gabriela Piccini da Cunha, 37 anos, e o gerente comercial Evandro Rodrigues, 41 anos, incentivam a preservação dessa magia natalina em casa e, todos os anos, procuram colocá-la em contato com o personagem sempre que podem. Esse ano, viajaram até Blumenau só para visitar a decoração do Parque Vila Germânica e assistir ao desfile temático de natal.

– Minha mãe sempre incentivou esse encanto pela espera do natal. Vejo em mim mesma como isso pode ser especial para o resto da vida e, por isso, estímulo a minha filha. Não há motivos para quebrar essa magia em uma criança – explica Gabriela.

Ela está certa. Nessa época, a figura lendária do Papai Noel povoa o imaginário infantil das mais variadas formas. As crianças passam os dias sonhando com aquele velhinho simpático de barbas longas e brancas que fabrica presentes em sua casa junto com duendes e outros seres fantásticos para, na noite do dia 24, viajar o mundo com o seu trenó conduzido por renas e entrar em cada uma das casas para distribuir sonhos infantis em forma de presentes embaixo de árvores iluminadas.

Mas por que o mito do Papai Noel ainda fascina o mundo diante de uma geração superconectada e com acesso facilitado à informação? Ainda faz sentido incentivar tudo isso? Para os especialistas, não há dúvida de que sim. Mesmo familiarizadas a smartphones, as crianças não pulam etapas no desen-

volvimento cognitivo e neurológico. Por isso, acreditar em Papai Noel pode ser ainda mais importante no momento atual, já que evita que o encantamento, típico da fase, acabe.

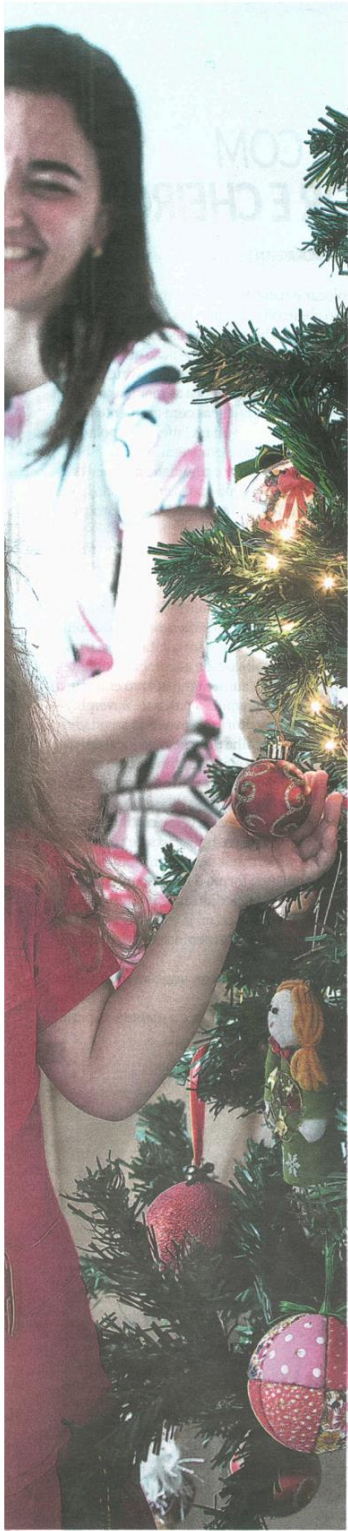
Até os sete anos, o entendimento do mundo ocorre por meio da imaginação, do faz de conta e do fantástico. Deixar essa fase aflorar reproduzindo a história do Papai Noel, um personagem solidário e extremamente confiável, ajuda a estimular essa magia, a formar uma mente mais criativa e a inserir no universo infantil alguns valores como a bondade, a generosidade, a empatia e a esperança de que os sonhos podem se realizar. Essa é a forma que a criança tem de compreender o mundo.

– A simples figura do bom velhinho faz com que a criança leve os valores aprendidos para a vida. As coisas que foram importantes um dia sempre permanecerão nela. Quando não se tem isso, a criança pode sentir dificuldade de, no futuro, se colocar no lugar do outro, acabando por se tornar uma pessoa vazia e imediatista – explica Marcelo Calcagno Reinhardt, coordenador do Departamento de Psiquiatria da Infância e Adolescência na Associação Catarinense de Psiquiatria.

Para a psicopedagoga Maria Alice Moreira Bampi, presidente da seção catarinense da Associação Brasileira de Psicopedagogia, o acesso aos eletrônicos desde muito cedo e o contato com adultos superocupados, estressados e cheios de horários a serem cumpridos fazem com que a criança já perceba – mesmo que não se dê conta disso – que o mundo ao seu redor não é tão bom quanto ela imagina. Dessa forma, acreditar em uma figura tão bondosa quanto o Papai Noel se torna uma espécie de respiro e o tempo que ela precisa para redobrar a confiança no ser humano.

– O adulto sabe o que é isso porque continua sentindo a magia acontecer. É como se apaixonar e sentir que o mundo muda ao nosso redor. O que é isso? É a magia do amor e do afeto fazendo efeito. Em seu interior, ela lembra que já vivenciou esse bem-estar antes e quer repetir. E sabe que, depois dos dias ruins, sempre virão melhores – diz.





Em casa, a pequena Ana Clara é a responsável por ajudar o Papai Noel a distribuir presentes na noite de Natal

● A HORA CERTA DE FALAR SOBRE O MITO

A partir dos sete anos, o mundo de fantasia e imaginação dá lugar, a um pensamento mais lógico e crítico, que faz com que a criança fique mais atenta ao mundo real e passe a questionar tudo que está ao seu redor – incluindo a crença no Papai Noel. Não por acaso, essa é a idade em que ela entra na escola. Essa pode ser a hora ideal, por exemplo, de a família intervir e fazê-la entender que a história do mito do bom velhinho nasceu de um personagem real que dedicou a vida a ajudar os outros e que, portanto, o espírito de natal é sim verdadeiro, apesar da figura lendária que o representa.

– A medida que se desenvolve, a criança vai testando o mundo que a cerca. Ela faz isso observando, brincando, perguntando, conversando com outras crianças e construindo “teorias” que as ajudam a entender o que sentem e o que pensam. Aquilo que antes era suficiente para aplacar a curiosidade sobre quem é o Papai Noel e onde vive pode se modificar. Nesse momento, os adultos podem auxiliar as crianças a ressignificar o sentido do natal – explica a psicóloga Marina Menezes, doutora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

A estudante Maria Eduarda Pimentel da Silva, nove anos, já entende isso. Ela ainda era pequena quando descobriu o mito por trás da existência do Papai Noel, mas, por outro lado, nunca perdeu a crença na magia do natal. Hoje, enxerga o Papai Noel como uma espécie de anjo protetor, como um espírito ou energia do bem superior a todas as pessoas, que espalha a magia natalina nessa época do ano para propagar o bem pelo mundo – algo inusitado para alguém que já cresceu e desvinculou a figura do Bom Velhinho da época do natal. Ainda assim, as cartinhas direcionadas a ele nunca deixaram de ser feitas. Apenas ganharam outro sentido.

Junto à árvore de natal montada em casa e iluminada por um pisca-pisca de luzes coloridas, está um bilhete escrito a lápis que apresenta uma lista com os sete pedidos que ela fez para este ano: uma prancha profissional, uma bicicleta, a paz no mundo, o amor em todos os corações, o carinho a todas as crianças, a calma na vida e o fim das guerras – esse último, justificado pelos dois refugiados que a escola onde ela estuda recebeu ao longo do ano letivo, o que reforçou nela a importância de se pregar a empatia e a solidariedade.

– A gente não deve pensar só em si. Se a pessoa for má, ela pode ficar um pouco boa nessa época. E se ela for boa, pode ficar melhor – ensina a menina.

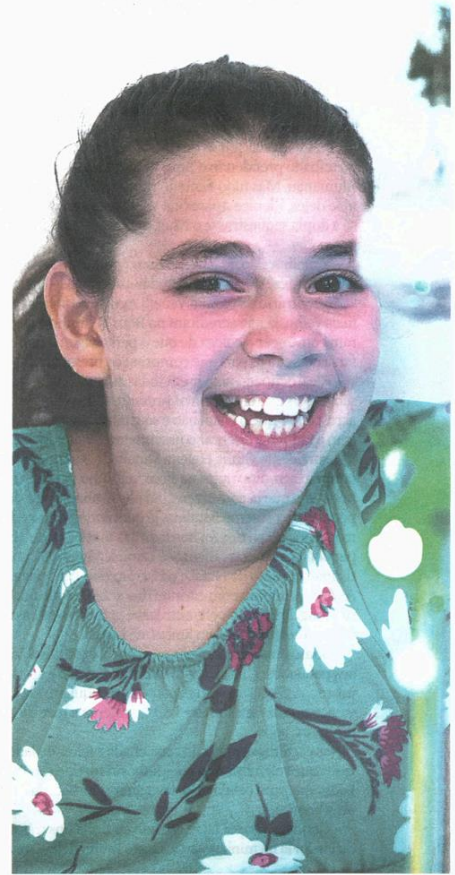
Há muitos anos, a mãe dela, tutora de turma e estudante Débora Erhardt, 30 anos, participa de projetos sociais e de assistência em orfanatos e hospitais, sempre levando a filha para acompanhá-la. Isso fez com que Maria Eduarda, desde muito pequena, tivesse contato com uma vivência mais solidária e de cuidado com o outro e suas necessidades.

– Ela entende isso. E todos os anos repete os mesmos pedidos na cartinha, provavelmente na esperança de ver o mundo melhorar – diz.



SE A PESSOA FOR MÁ, ELA PODE FICAR UM POUCO BOA NESSA ÉPOCA. E SE ELA FOR BOA, PODE FICAR MELHOR AINDA

MARIA EDUARDA DA SILVA





PATRICK RODRIGUES

● O SEQUESTRO DO PAPAÍ NOEL

TEXTO PAMYLE BRUGNAGO | pamyle.brugno@somosnsc.com.br

Os irmãos Pedro Henrique, nove anos, e Gustavo Francisco Vanelli de Aguiar, seis anos, já tentaram capturar o Papai Noel. Eles tinham tudo planejado. Desde colocar chiclete no gramaço, manteiga nas telhas de casa até uma armadilha que cairia do telhado prendendo o Bom Velinho no jardim de casa em Blumenau. Mas tudo ficou no campo das ideias depois que a mãe deles, Elenice Aparecida Vanelli, 35 anos, explicou que se a dupla sequestrasse o Noel, outras crianças ficariam sem presentes.

– É melhor não pegar ele mesmo porque assim ele fica livre para entregar o presente de todas as crianças – conclui Guga.

Ao contrário da família Vanelli Aguiar, os amigos de Pedro, o mais velho, já não acreditam no Bom Velinho e até já tentaram convencer o colega de que o personagem natalino é uma farsa pois são os pais que compram os presentes.

– Ele é ocupado para ir em todas as casas, por isso, às vezes são os pais que entregam os presentes – ressalta Pedro, ao acrescentar que o Natal não é só ganhar presentes, mas ficar com a família e celebrar o nascimento do menino Jesus.

A sorridente Giulia Helena Vanelli de Souza, quatro anos, também acredita muito no Bom Velinho. A prima dos meninos conta que já conversou com ele no shopping e desenha os pedidos de presente natalino, já que ainda não escreve. Essa magia dos pequenos foi herdada das mães. Desde que eram pequenas, as primas Elenice e Daniele Vanelli, 32 anos, cultivaram o encanto do Natal e passaram essa tradição aos filhos. As duas lembram com carinho dos anos em que um dos tios se vestia de Papai Noel e entregava presentes na casa da avó e por isso celebram a data juntas até hoje.

– Somos católicos e ensinamos o real significado do natal aos pequenos. É importante lembrar que não é apenas consumismo. A Giulia adora o Papai Noel e enquanto ela acreditar vamos preservar e manter isso – comenta a mãe da pequena de quatro anos.

Nas cartinhas para lá de caprichadas, feitas ao lado das mães que relembram os recadinhos remetidos ao Papai Noel, Pedro quer um celular, Gustavo quer uma bateria e Giulia uma boneca.

– Conheci o Papai Noel quando eu tinha uns três anos quando ele foi lá na minha escola. Gosto muito dele – sorri Giulia.

Os irmãos Pedro Henrique e Gustavo com a prima Giulia escrevem cartas ao Bom Velinho

● NATAL COM SABOR E CHEIRO

TEXTO CLÁUDIA MORRIESEN | claudia.morriesen@somosnsc.com.br

Se fosse possível colocar o natal em um potinho, na casa da família Ebert ele teria o cheiro do melado e do açúcar das bolachas decoradas e do talco que a bisavó Otília usava. Anna Lien e Julia Mei não a conheceram, mas vivem a tradição que começou com ela há mais de 60 anos, em um sítio na região Norte de Santa Catarina. Aos sete e aos 10 anos, nessa época as meninas dividem a atenção dispensada a celulares e bonecas com momentos de paciência e criatividade, como aqueles para enfeitar as bolachas de natal, incentivadas pela mãe, a empresária Cintia Ebert Huang, 47 anos. É uma forma de dar continuidade ao ritual da bisavó Otília com os oito filhos, em uma época em que não havia tecnologia, nem luz na casa do sítio, e os doces iam do forno à lenha para latas de alumínio.

– Lembro do gosto das bolachas com açúcar assadas no forno à lenha. É um sabor que não existe mais – reflete Ana Maria, 66 anos, filha de Otília e avó de Anna e Julia.

Do natal sem energia elétrica, com pinheirinho natural enfeitado de algodão, fios de anjo e velas, Ana Maria agora divide com a filha e as netas a emoção de se preparar para a data especial com dedicação. Todos os anos, novos objetos de decoração e enfeites para a árvore são comprados, para aumentar o acervo em branco e vermelho que colorem a casa da família a partir de novembro – e também a padaria da avó e o escritório da mãe. São atividades das quais todas participam, da escolha das peças ao local em que ocuparão na casa, reforçando entre elas o sentimento de que, mais do que presentes e festas, Natal é época de estar perto de quem ama.

Já faz alguns anos que Julia parou de escrever cartinhas para o Papai Noel. Elas eram deixadas em uma caixa de correio de shopping, o mesmo em que as irmãs fazem foto com o bom velinho todos os anos, como uma forma de acompanhamento do crescimento. Anna ainda faz seu pedido, mesmo que a figura mágica que sai do Polo Norte em um trenó já esteja deixando de fazer parte do repertório de crenças da menina para dar lugar a uma outra concepção.

– Papais Noéis são as pessoas muito boas, que têm muito amor, não é mesmo? – ensina Cintia à caçula.

Na lógica da pequena, a reflexão é rápida, e a menina dispara:

– Um dia também posso ser um, então?

Na casa da família Ebert, a tradição há mais de seis décadas preparar biscoitos decorados com melado



SALMO DUARTE

Diário Catarinense e A Notícia
Moacir Pereira
"Reitor: arquivo"

Reitor: arquivo / Sindicância / Polícia Federal / Delegada / Erika Marena /
Prisão / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Operação Ouvidos Moucos



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

23/12/2017

[Desvios na UFSC](#)

24/12/2017

[A Ilíada – o poema e o filme I](#)